

# DESCOLONIZAÇÃO, INDEPENDÊNCIA E NAÇÃO: UMA LEITURA DE *BOM DIA CAMARADAS*, DE ONDJAKI

## DECOLONIZATION, INDEPENDENCE AND NATION: A READING OF *BOM DIA CAMARADAS*, BY ONDJAKI

Lucas Lima Moura **1**  
Sebastião Alves Teixeira Lopes **2**

**Resumo:** O escritor angolano Ondjaki apresenta um período relevante da história recente de seu país, no qual as dúvidas e esperanças sobre o futuro faziam parte do cotidiano dos moradores da capital Luanda, que, após o fim do colonialismo português, vivenciou uma guerra civil. Isto posto, neste artigo se discute a situação da Angola pós-colonial, representada no livro *Bom dia camaradas*, para compreender como a independência era percebida sob o ponto de vista dos moradores; se o governo angolano, do período, tinha total soberania sobre suas ações; e se o nacionalismo interveio para a construção de uma nação unificada. Desta feita, utiliza-se como suporte teórico principal as contribuições de Bosi (1992), Brandão (2001), Quijano (2005) e Chatterjee (1996). Neste trabalho se constata que o processo pós-colonial ocasionou, para Angola, problemas econômicos e desigualdades herdadas das administrações coloniais e disputas fratricidas entre grupos que marcharam juntos na busca pela independência.

**Palavras-chave:** Literatura angolana. Ondjaki. *Bom dia camaradas*. Decolonização.

**Abstract:** Angolan writer Ondjaki presents a relevant period of the recent history of his country, in which the doubts and hopes about future took part of the routine of the residents of capital Luanda, which, after the end of Portuguese colonialism, lived a civil war. Thus, in this article it is discussed postcolonial Angola situation, represented in the book *Bom dia camaradas*, to comprehend how independence would be realized from the point of view of the residents; if Angolan government, in that period, had whole sovereignty over its actions; and if nationalism intervened for the building of a unified nation. In this manner, we utilize as main theoretic support contributions by Bosi (1992), Brandão (2001), Quijano (2005) and Chatterjee (1996). This paper verifies that postcolonial process occasioned, for Angola, economic problems and inequalities inherited from colonial administration, and fratricide contentions between groups that marched together in search for independence.

**Keywords:** Angolan literature. Ondjaki. *Good morning fellows*. Decolonization.

Possui graduação em LETRAS pela Universidade Federal do Pará **1** (2005). É professor de língua portuguesa e literatura - Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará - SEDUC. Atualmente é mestrando do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGEL da Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: lucaslmoura@gmail.com

Graduado em Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua **2** Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, pela Universidade Federal do Piauí (1990); Graduado em Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela Universidade Federal do Piauí (1991); Mestre em Letras, Área de Concentração: Inglês e Literatura Correspondente, pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996); Doutor em Letras, Área de concentração: Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, pela Universidade de São Paulo (2002); Pós-Doutorado na Universidade de Winnipeg, Canadá (2007); Pós-Doutorado na Universidade de Londres/School of Oriental and African Studies, Inglaterra (2014). E-mail: slopes10@uol.com.br

## Bom dia Angola

O livro do escritor angolano Ondjaki, *Bom dia camaradas*<sup>1</sup>, apresenta logo no seu início esta pergunta: “MAS, CAMARADA ANTÓNIO, tu não preferes que o país seja assim livre?” (ONDJAKI, 2006 p. 17). Uma inquietude permanente em todo o romance a partir do olhar do menino narrador, que conta um ano de sua vida em Luanda nos anos 1980 do século XX, em plena guerra civil. O contexto da obra passa-se alguns anos após o fim do colonialismo português. De acordo com Rosa (2012), a luta pela independência de Angola iniciou-se de maneira organizada no ano de 1961, e durou até 11 de novembro de 1975, quando foi proclamada a independência política.

Contudo, Altman (2010) registra que após a luta contra o domínio português os três grupos que batalharam contra Portugal passaram a travar uma guerra civil pelo controle do país, principalmente da capital Luanda. Os grupos eram o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), liderado por Agostinho Neto, a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), chefiada por Holden Roberto, e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), liderada por Jonas Savimbi.

Ressalta-se que cada grupo detinha o apoio de uma nação estrangeira, como demonstra Altman:

A União Soviética, e principalmente Cuba, apoiavam [Sic] o MPLA, que controlava a capital e algumas regiões da costa, em especial Lobito e Benguela. Os cubanos não tardaram em desembarcar em Angola em 5 de outubro de 1975. A África do Sul do apartheid apoiava a UNITA, tendo invadido Angola em 9 de agosto de 1975. A FNLA contava também com o apoio da China, mercenários portugueses e ingleses e até da África do Sul. Os Estados Unidos, que apoiaram inicialmente apenas a FNLA, não tardaram a ajudar também a UNITA. Este apoio se manteve até 1993. A sua estratégia foi durante muito tempo dividir Angola. (ALTMAN, 2010, p. 01).

A guerra civil se estendeu até o ano de 2002, deixando milhares de mortos e inviabilizando econômica e politicamente o país africano, este que sofre ainda com índices de desenvolvimento humano muito baixos, ocupando, de acordo com o relatório da ONU de 2018, a 147ª posição com um IDH de 0,581. Entretanto, para Ambrósio (2008), o fim da guerra e um considerável aumento na produção de petróleo levaram o país a uma melhora na sua economia, principalmente nos anos de 2006 e 2007. No entanto, a crise econômica de 2008 fez arrefecer os indicadores econômicos e, por conseguinte, a melhora na qualidade de vida dos angolanos.

No romance o espaço literário é constituído pelos locais de convivência do narrador, sua casa, a escola e demais lugares, que descrevem Luanda com todas as contradições e incertezas gestadas pelo contexto político e econômico, advindo dos anos da pós-colonização portuguesa.

Brandão (2001) reflete sobre as interrogações postas pela literatura com relação aos espaços representados. Segundo o autor, na construção narrativa, os espaços são apresentados com a intenção de chamar atenção para a impossibilidade de dissociá-los da percepção que as personagens têm de si e do mundo ficcional forjado pelo escritor. A intenção não é se contrapor à existência concreta dos espaços relatados, mas dar-lhes relevância no construto dos acontecimentos que envolvem a narrativa.

E no caso de *Bom dia camaradas*, espaços que podem parecer simplórios ganham importância. Eles são relatados pelo narrador e passam a compor os sentidos, de modo que deixam de ter apenas uma existência concreta para habitar num estado cuja experiência só se faz verdadeira através do olhar atento do menino protagonista. Como percebemos nessa passagem do livro:

SE, QUANDO ME ACORDAVAM, eu me lembrasse do prazer do matabicho<sup>2</sup> assim de manhãzinha, eu acordava bem-disposto.

1 O livro foi lançado em 2001 pela editora Chá de Caxinde, de Angola, no ano de 2003 pela Editorial Caminho de Portugal e teve seu lançamento no Brasil em 2006 pela editora Agir.

2 Café da manhã.

Matabichar cedo em Luanda, cuia!<sup>3</sup> Há assim um fresquinho quase frio que dá vontade de beber leite com café e ficar à espera do cheiro da manhã. Às vezes mesmo com meus pais na mesa, nós fazíamos um silêncio. Se calhar estávamos mesmo a cheirar a manhã, não sei, não sei. (ONDJAKI, 2006, p. 23).

Ao descrever seu regozijo no desjejum, em casa, com toda tranquilidade ao lado dos pais, o menino narrador cria uma atmosfera de paz e equilíbrio, em contraste com a situação de guerra vivenciada em seu país. Os traumas da colonização e de todo o processo de libertação no espaço da casa são esquecidos por alguns momentos. A importância dada a uma situação cotidiana e, aparentemente, banal reforça a desestabilidade que permeava a vida dos moradores de Luanda, como demonstra esse excerto:

Estava muita gente no aeroporto cá fora. É sempre assim quando chega voo internacional. Ao pé da porta de saída das pessoas havia uma pequena confusão, vi os FAPLAS<sup>4</sup> virem a correr, pensei já que ia sair tiro. (ONDJAKI, 2006, p. 39).

Nos espaços urbanos, longe da proteção da sua casa, o menino se depara com as consequências da guerra civil que tornavam situações comuns (como buscar uma pessoa que chegara no aeroporto) em tarefas demoradas e, em determinadas circunstâncias, perigosas. Brandão (2001, p. 73) diz que a literatura, na representação de situações e espaço, pode ser um espelho plano que alimenta a ilusão de mostrar a realidade objetiva, sem filtros, com todas as vicissitudes existentes; e noutra possibilidade, seria como um espelho deformante cuja intenção é realocar a imagem que a sociedade tem de si, numa perspectiva de trazer novos ângulos da realidade.

Em *Bom dia camaradas*, as situações vivenciadas pelos moradores de Angola são representadas na perspectiva de trazer reflexões distintas sobre a condição de país pós-colonizado que vivia as contradições advindas da independência. Um processo de descolonização que buscou trilhar um caminho socialista, sob a égide do modelo soviético, o que trouxe rupturas violentas para a população. O novo modelo econômico e político ocasionou dificuldades no cotidiano dos moradores, que tinham de conviver com o desabastecimento e racionamento de alimentos, combustíveis e demais víveres. Entretanto, as lideranças desse processo eram angolanos que pela primeira vez tinham em suas mãos a possibilidade de escolher o destino de seu país.

## Caminhos para a independência em Angola

Com o fim das lutas por libertação e a declaração da independência de Angola, um período complicado se estabeleceu no País. Uma guerra civil dividiu os angolanos e perdurou por muitos anos, como já fora comentado. *Bom dia camaradas* relata bem essa conjuntura histórica, como podemos perceber nestas passagens da obra:

Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes... Depois vinha o intervalo com a propaganda das FAPLA. Ah, é verdade, às vezes também falavam da situação da África do Sul. (ONDJAKI, 2006, p. 37-38).

Portanto, a convivência com a guerra civil era comum, e em certa medida naturalizada, por ser Luanda a capital do país, e dessa maneira conviver com uma relativa segurança, pois as batalhas aconteciam em outras localidades mais distantes, mas a guerra fazia-se presente no imaginário e no cotidiano dos moradores e das crianças, como relata a obra:

---

<sup>3</sup> Do verbo *cuiar*, estar delicioso.

<sup>4</sup> Forças Armadas para a Libertação de Angola.

Desenhar armas era normal, toda gente tinha pistolas em casa, ou mesmo akás<sup>5</sup>, senão, sempre havia um tio que tinha, ou que era militar e mostrava o funcionamento da arma... O desenho do Filomeno estava bonito mesmo, ele até tinha desenhado no cano da aká o brilhinho que fica depois de se limpar, e ao lado desenhou um carregador daqueles que parecia carregador duplo... Guerra também aparecia sempre nas redações, experimenta só mandar um aluno fazer uma redação livre para ver se ele num vai falar da guerra. (ONDJAKI, 2006, p. 130-131).

De certo, devemos perceber o quanto a instabilidade política e a guerra civil no país eram nocivas para a população, mas em especial às crianças, pois, como demonstra o Menino narrador, elas eram expostas a uma situação constante de violência, seja por terem parentes próximos no campo de batalha, seja por terem acesso às armas e aos relatos das barbáries oriundas da luta fratricida entre os angolanos pós-independência. Assim, o dia a dia dessas crianças foi sendo envolvido nesse emaranhado de circunstâncias provocadas por uma conjuntura geopolítica que dividia o mundo em lados distintos ou sob a influência da União Soviética ou dos Estados Unidos. Os Angolanos não ficaram imunes à Guerra Fria; na verdade, a situação local era o reflexo mais evidente dessa situação. Em *Bom dia camaradas*, essa situação é representada na presença cubana e soviética intervindo diretamente na construção da nova e independente nação. Vejamos na obra:

Fomos dar a volta quase lá no fundo, até onde se podia ir de carro; vimos as barricadas. “isto o que é?”, a minha tia perguntou ao camarada João. “É quartel... É um quartel”, ele respondeu. Tinha soviéticos a guardar a entrada, os soviéticos sempre faziam cara de maus [...] Não podemos ficar aqui, nesta praia tão “Verzul”? Não, tia, aqui não se pode. Esta praia tão verzul é dos soviéticos. (ONDJAKI, 2006, p. 56-57).

A presença soviética representou uma intervenção na construção da jovem nação. O próprio modelo econômico implantado seguia os parâmetros dos países do socialismo real. Contudo, o mais importante, e compreendemos isso nos fragmentos citados, é a relação dos soviéticos com os locais. Ter uma praia exclusiva deles representava uma mácula na própria noção de independência angolana, bem como o retorno ao jugo de uma nação estrangeira que mais uma vez ditava os caminhos do país; desse modo, podemos inferir ser a relação entre angolanos e soviéticos pautada sob a égide da subalternidade nesse período histórico.

Por outro lado, a relação com Cuba parecia ser gerida sob um ângulo diferente. No livro *Bom dia camaradas*, as personagens de origem cubana são professores do Menino. Pressupõe-se, contudo, que os locais viam neles pessoas confiáveis de uma nação irmã, que sacrificou vidas nos combates, tal qual os angolanos. Lá estavam para ajudar no desenvolvimento do recém-independente país e não para subjugar e ditar os rumos aos quais o governo e os moradores deveriam seguir; e na partida deles o respeito e admiração são evidenciados. Vejamos:

À tarde fomos à casa dos camaradas professores cubanos, lá onde moravam, naqueles prédios bem malaicos<sup>6</sup>. A Petra sabia bem qual era o prédio, apesar de serem todos iguais, porque o deles tinha uma pintura do camarada José Martí na entrada... A meio do chá, a Petra, meio com lágrimas nos olhos, falou aos camaradas professores, e disse que “nós agradecíamos tudo o que os camaradas professores pessoalmente tinham feito por nós, mas também o que os todos os camaradas tinham feito por Angola, desde os operários, os soldados, os médicos e os professores, que Angola estava agradecida e que íamos sempre ser irmãos”. (ONDJAKI, 2006, p. 124).

5 AK-47 (metralhadora)

6 Ridículo

A relação fraterna mantida com os cubanos se concretizava, porque os angolanos não viam nas suas intenções uma ação interventora, colonizadora ou imperialista. Ademais, “[...] o, imperialismo, é uma associação de interesses sociais entre os grupos dominantes (classes sociais ou “etnias”) de países desigualmente colocados em uma articulação de poder” (QUIJANO, 1992, p. 437). Essa afirmação nos faz refletir sobre a função dos soviéticos em Angola. Apesar de não terem um desígnio colonizador como tivera Portugal, também não exerciam uma influência desinteressada. Como já apresentamos, os vários grupos que lutavam pelo poder na guerra civil tinham apoio material de nações cujo comportamento, no contexto daquela época, poderia ser definido como imperialista, pois viam apenas interesses estratégicos para melhor ocupar espaços no tabuleiro da Guerra Fria. Logo, não eram identificados como iguais numa luta por libertação. Essa lacuna foi ocupada pelos cubanos, por ser Cuba uma nação reconhecida por fornecer voluntários para além das atividades bélicas, também identificada como um país cuja luta por independência constantemente fez parte de sua história.

Por fim, a partida dos cubanos simbolizava o fim de um ciclo e a perspectiva de um processo de paz, e, acima de tudo, a materialização de uma independência permanente e todos os desdobramentos vindouros dessa situação. Era chegado o momento de assumir o controle das políticas relacionadas à educação e demais áreas da gestão e, dessa maneira, ter nas mãos o destino da nação e a tão desejada paz. O menino continua:

Na mesa estava muito silêncio, mas lá fora havia gritaria, até houve tiros de comemoração. Quando ligámos o rádio é que percebi: afinal estavam a dizer que a guerra tinha acabado, que o camarada presidente ia se encontrar com o Savimbi, que já não íamos ter monopartidarismo e até estavam a falar de eleições. (ONDJAKI, 2006, p. 136).

A possibilidade do fim da guerra civil já permeava a política e o imaginário dos angolanos desde 1980, como o trecho apresentado retrata. Contudo, a paz se consolidou somente muitos anos depois. E, como ressalta Chatterjee (1996), com o passar dos anos vários regimes surgidos das lutas contra o colonialismo na África acabaram por implantar regimes avessos à participação popular e tornaram-se antidemocráticos, pouco fazendo para diminuir a pobreza existente nos países africanos desde o tempo da colonização. Mas em *Bom dia camaradas*, podemos perceber a euforia e a esperança provocadas pela possibilidade de um processo de paz que consolidaria o trabalho de anos pela independência. Entretanto, as fissuras provenientes de uma guerra civil não são fáceis de serem esquecidas, pois colocaram em suspeita a capacidade de formação de uma nação cujo nacionalismo deveria resolver as questões divergentes por meio do debate democrático.

Portanto, o nacionalismo na situação representada em *Bom dia camaradas* serviu de apologia para a exaltação das diferenças e, como consequência, o estabelecimento de conflitos cuja resolução tardou a se consolidar. Chatterjee (1996), citando Benedict Anderson, apresenta a visão deste sobre os nacionalismos na África e Ásia serem uma criação da Europa. E essa concepção modelou-se pela própria noção de nacionalismo compreendida na Rússia, Estados Unidos e nos países da Europa ocidental. E como consequência, os líderes das nações recém-independentes acabaram por escolher o modelo que melhor lhes comprazia; entretanto, essa interpretação desembocou em violência e o caso angolano não foi diferente. Dessa maneira, podemos compreender o nacionalismo como fonte unificadora no período pré-independência servido como estratégia de resistência e acumulação de uniformidades. No entanto, na conjuntura pós-independência as influências exógenas serviram de força motriz para edificação de um nacionalismo divergente entre a população e patrocinado por potências estrangeiras.

Ao ver tanta água, lembrei-me das redacções que fazíamos sobre a chuva, o solo, a importância da água. Uma camarada professora que tinha a mania que era poeta dizia que a água é que traz todo aquele cheiro que a terra cheira depois de chover, a água é que faz crescer novas coisas na terra, embora também alimente as raízes dela, a água faz “eclodir um novo ciclo”, enfim, ela queria dizer que a água faz o chão dar folhas

novas. Então pensei: “Epá... E se chovesse aqui em Angola toda...?” Depois sorri. Sorri só. (ONDJAKI, 2006, p. 136).

Um novo ciclo na sua existência era o desejo dos angolanos e demais países africanos que viveram a violência colonizadora; todavia, a dificuldade de encontrar os caminhos para um desenvolvimento em paz era o desafio a ser superado pela nação. “A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos” (BHABHA, 1998, p. 199). Essa afirmação leva-nos a entender a importância da nação para a convivência social e a busca pela unidade e por que não dizer a proteção coletiva, desde que os espaços para a participação dessa comunidade estejam sempre abertos para acolher novas pessoas e ideias, sendo um lugar cujas diferenças sejam parte da construção. Entretanto, essa lógica da tolerância como fonte precípua da convivência não fora cultivada em muitos lugares e a Angola trazida pelo menino narrador Ndalu também padecia com a intolerância política que levou irmãos a iniciar uma guerra civil.

### O menino Ndalu no tempo da descolonização

A narrativa feita pelo menino, assim carinhosamente chamado pela personagem do Camarada Antônio, que, segundo Franco (2008) e Schmidt (2009), é própria voz de Ndalu de Almeida, nome civil de Ondjaki, seria assim o eu do escritor, a apresentar um panorama da vida em Luanda. O menino é filho de funcionários públicos, mãe professora e o pai servidor de um ministério. Vivem em uma casa confortável com geladeira, telefone e motorista, uma situação bem diferente do restante da população no período. Ele apresenta seu cotidiano em casa, na escola e com seus amigos, delineando dessa maneira sua percepção da construção de uma nação independente em meio à guerra, bem como uma sensação iminente de violência representados na lenda Urbana do Caixão Vazio como vemos a seguir:

Quando eu estava a chegar a casa, vi no portão do Bruno Viola um grupo de miúdos, fiquei logo curioso. Antes de entrar em casa [...] Eram mais de cinquenta, tou-vos a dizer [...] Era o caixão vazio [...] No camião é que está o caixão [...], é um caixão de verdade, assim preto. Eles chegaram, uns começaram a saltar do camião e a cercar a escola... Sim, dizem que sempre violam as professoras, depois cortam a chucha e penduram no quadro [...] Só ninguém sabia o que eles faziam com os alunos que nunca mais apareciam, pelo menos esta era a estória que a filha da empregada do Bruno sempre contava. (ONDJAKI, 2006, p. 46-48).

E discorre ainda sobre a falta de acesso aos produtos básicos sob o controle de cartões de abastecimento:

Tia, não percebo uma coisa [...] Como é que tu trouxeste tantas prendas? O teu cartão dá para tudo isto? [...] Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão. Sem cartão? E como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? (ONDJAKI, 2006, p. 49).

Desse modo, *Bom dia camaradas* é uma leitura de um tempo em Luanda cujas definições e incertezas sobre o futuro do país recém-independente não possibilitavam antever o que poderia ocorrer, ainda mais com a situação geopolítica baseada na bipolaridade da Guerra Fria e os seus desdobramentos. Contudo, a certeza de fazer parte de uma nação independente faz o menino vislumbrar a possibilidade de se construir um país unificado.

“Menino, no tempo do branco isto não era assim...” (ONDJAKI, 2006) A fala do camarada Antônio sobre sua compreensão da realidade angolana, daquele período retratado no livro, leva-nos a uma reflexão sobre a perspectiva dos moradores que nasceram e viveram parte significativa de sua vida sob o jugo colonizador. E todas as consequências que essas experiências causaram na afirmação de uma identidade local. Compreendemos essa identidade na perspectiva de Hall (2015), entendendo-a como variável, modificada continuamente. Entretanto, a incerteza do camarada João

sobre estar a viver em um local melhor é reflexo da impossibilidade da liberdade oriunda dos anos de colonização. Bosi corrobora:

A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas supores físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer. (BOSI, 1992, p. 15).

A ocupação colonial nasce de interesses econômicos, mas procura se solidificar na construção de uma narrativa redentora, de transformação do espaço bárbaro em um lugar de pleno desenvolver. Contudo, os custos dessa empreitada são dolorosos àqueles que já habitavam e tinham nos locais de colonização sua plena realização identitária. Entretanto, a afirmação do colonizador se faz com uma anuência construída na força e no convencimento tácito de um possível incremento na melhoria da vida dos locais. O narrador menino, em diálogo com o camarada Antônio, apresenta bem estas visões antagônicas dos que sofreram com a colonização:

Mas António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? É!, menino, mas naquele tempo a cidade estava limpa... tinha tudo, não faltava nada [...] Ó António, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser diretor; Mas sempre tinha pão na loja, menino, os machimbombos<sup>7</sup> funcionavam. Mas ninguém era livre, António... Não vês isso? Não eram os angolanos que mandavam no país [...] O camarada António aí ria só..." (ONDJAKI, 2006, p.18-19).

A incredulidade do camarada Antônio em relação à melhora do País após sua independência política evidencia-se pelo fato de as condições herdadas não terem sido as ideais. A espoliação material para além dos fatores econômicos cria um ambiente de insegurança aos locais, segurança que as metrópoles colonizadoras ofereciam sob uma organização desigual e oportunidades cerceadas, como comenta o menino ao se referir que os negros em Angola não podiam ter cargos de direção, mesmo sendo a maioria da população. Bosi continua citando como exemplo as colônias portuguesas e espanhola nas Américas. "Para extrair os seus bens com mais eficácia e segurança, o conquistador enrijou os mecanismos de exploração e de controle" (BOSI, 1992). Desse modo, estratégias de contenção e precária inclusão foram estabelecidas, criando uma espécie de narrativa de bem-estar. O menino narrador continua sua reflexão sobre o seu tempo e o tempo dos portugueses no poder com a personagem João, o motorista do ministério onde servia o pai do Menino:

Ó João, tu gostavas quando os portugueses estavam cá? É o quê menino? Sim, antes da independência, eles é que mandavam cá. Tu gostavas desse tempo? As pessoas dizem que o país estava diferente. Não sei. Claro que estava diferente, João, mas hoje também está diferente. O camarada presidente é angolano, os angolanos é que tomam conta do país, não os portugueses [...] Tu trabalhavas com os portugueses, João? Sim, mas eu era muito novo. O camarada António que gosta de falar muito bem dos portugueses – provoquei. O camarada António é mais velho – disse o João, e eu não percebi muito bem aquilo. (ONDJAKI, 2006, p. 19).

O motorista João, apesar de ter uma postura muito indecisa, também concorda que viviam melhor na época do colonizador; entretanto, a defesa do menino narrador coloca em tela a interpretação de duas gerações. Contudo, ressalta-se que esse comportamento titubeante

diante do novo contexto angolano, representado no livro e expresso pelas personagens mais velhas, apresenta uma inquietude no imaginário e na vida objetiva dos partícipes de um processo colonizador. Isso demonstra a complexidade da construção de uma nação que é resultado da disputa pelo controle político e (em última instância) pelo poder econômico. Uma disputa desenvolvida, no caso específico em análise, pelo governo português e seus prepostos em Angola e os grupos guerrilheiros organizados para contestar o jugo metropolitano. No entanto, o povo comum, representado no livro por Antônio e João, acaba por não se sentir efetivamente parte dessa luta pela descolonização. Ademais, compreendemos que o processo colonizador aprofunda suas relações políticas e pessoais, para além da objetiva espoliação material. Sua afirmação se faz presente e solidifica-se a partir da criação de um imaginário coletivo, o qual tem como base a efetivação da naturalização dos locais em uma posição de subalternidade incontestável; por certo, libertar-se desse imaginário estabelecido por séculos, no caso angolano, requeria do povo um longo e difícil processo político.

Além disso, vale refletir, tendo como base as ponderações de Quijano (2005) sobre as questões relacionadas à raça, entendida como diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, que a constituição de uma caracterização levando em conta supostas diferenças biológicas criou um discurso racista e uma noção de superioridade levada a êxito pelos colonizadores. Devemos compreender essas afirmações racistas como parte de um projeto político que tinha objetivado produzir na população a naturalização de relações assimétricas, pautadas no uso da força, por meio de repressões de toda ordem, garantidas pelo poderio militar, mas também pelo fortalecimento da relativização dessa desigualdade.

Desta feita, o estabelecimento social da desigualdade se configurava na legitimação dos valores culturais representados pelo colonizador. Estes traziam e impunham sua língua, religião, arte e preceitos comportamentais difundidos como superiores e corretos; enquanto toda a cultura endógena, muitas vezes seculares, passava a ser tratada como subproduto e manifestação bárbara, na perspectiva de representar um comportamento subdesenvolvido em contraste ao desenvolvimento tecnológico, social e principalmente intelectual do colonizador; e com o passar do tempo, a subalternidade era assimilada pela população local.

No livro, o camarada Antônio e o motorista João não demonstram a mesma euforia do Menino, justamente por terem vivido por anos em uma condição de naturalização do processo colonizador, período esse que durou séculos em Angola. As personagens, podemos presumir, eram descendentes de moradores que possivelmente nunca viveram, senão sobre a égide dos mandatários portugueses. E o despertar dessa colonização tão duradoura imprimiu profundas marcas no comportamento e no próprio senso de liberdade. Anibal Quijano (2005) fala-nos sobre a escolha do critério racial como elemento indispensável para a divisão da população em níveis, lugares e papéis na estrutura de poder. Como resultado, esses juízos, levando em consideração a raça, persistiram no comportamento das pessoas. *Bom dia camaradas* representa esta situação de maneira simbólica nas personagens destacadas, para lembrar o quão difícil a descolonização pode ser.

No entanto, apesar da tarefa complexa de libertação de uma colonização longa e legitimada por artifícios diversos, a resistência e o projeto de libertação é produto de uma construção arquitetada por anos. E não se materializa somente por meio de armas e enfrentamento militar, como no caso angolano. A tarefa de resistência perpassa por vários níveis, desde a resistência aos valores culturais impostos, a exaltação da cultura local e o estabelecimento de um nacionalismo que busca demarcar espaço com o colonizador.

Com relação a isso, Chatterjee (1996) afirma que nos anos 1950 e 1960 o nacionalismo era uma bandeira nas lutas por libertação nacional na África e na Ásia. As nações colonizadas nesses continentes almejavam criar pontos de convergência entre a população, pois muitas vezes as fronteiras e a próprias nações foram criadas sem levar em consideração questões históricas. Carvalho (2006) nos informa que as nações europeias sempre tiveram como intenção explorar as diferenças; reuniam nos espaços coloniais povos inimigos, separavam grupos aliados, para evitar reações organizadas e melhor consolidar o poder. Desse modo, a necessidade de programas comuns deveriam ser a lógica para uma luta unificada e o nacionalismo era a forma mais abrangente e a solução para a organização da resistência.



Ademais, de acordo com Chatterjee (1996), citando o caso indiano, a organização da resistência à colonização inglesa se fez em dois níveis, o espiritual e o material. Ao declarar o campo espiritual, que consistia na manutenção dos credos religiosos e demais expressões da cultura local, como um espaço soberano, as pessoas passaram a compreender essa soberania estrita como a materialização de uma nacionalidade comum, mesmo com o discurso modernizador relegando essas demonstrações locais a um patamar de inferioridade. Esses espaços foram fomentadores da resistência. O próprio domínio da língua do colonizador foi utilizada para dar uma nova conotação, por meio da mídia escrita, das produções tradicionais artísticas como teatro e literatura.

O campo material seria os espaços da burocracia colonial estatal, que eram ocupados majoritariamente por estrangeiros, embora permitindo aos locais com formação mais elevada exercerem funções nas repartições estatais. Isso permitiu um conhecimento do funcionamento das estruturas da gestão burocrática e mais adiante a qualificação necessária para o exercício autônomo. Com efeito, a vanguarda nacionalista imaginou uma resistência operando de dentro desses espaços, o que possibilitou a chegada ao poder. De certo, as lutas de enfrentamento aos colonizadores estavam a permear todos os ambientes da colônia; não se pode mudar o estado estabelecido sem uma atividade contínua e obstinada de compreensão da realidade e uma atividade de criação de estratégias conjuntas de unidade nacional.

### Considerações finais

O livro *Bom dia camaradas* faz um relato, a partir do olhar singelo de um menino, da situação pós-independência de vários países Africanos: primeiro, a dificuldade de resolver problemas econômicos e desigualdades de toda ordem herdadas das administrações coloniais; segundo, a necessidade de escolher um dos polos que dividiam o mundo no período da Guerra Fria; e, por fim, as disputas fratricidas entre grupos que marcharam juntos na busca pela independência.

Com efeito, a situação econômica de Angola, representada no romance, deixa evidente a condição precária em que viviam no país. O período da colonização portuguesa não priorizou o desenvolvimento local ou criou condições para que os mais pobres pudessem ter um nível de vida que se equiparasse ao da metrópole. O livro traz o relato de alguns personagens lembrando que os desabastecimentos eram menos comuns no tempo da administração colonial, entretanto, só uma elite indicada pelos colonizadores detinham o poder de mando e de fato tinham condições econômicas mais abastadas.

Além disso, a conjuntura geopolítica no momento histórico do processo de descolonização, não trazia muitas opções. Para se manter e criar condições de subsistência, o governo independente optou por ter como aliado preferencial a então URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviética), desse modo, trazendo para si as dificuldades impostas pelos EUA (Estados Unidos da América), que disputava a influência mundial, provocando mais dificuldades nas relações conturbadas entre os grupos armados que militaram contra o colonizador português. Esse estado de coisas provocou a guerra civil e, por conseguinte, mais desigualdade e piora significativa na vida dos moradores do país africano, adiando o sonho da construção de uma Nação unificada.

Portanto, por meio da narrativa, podemos conhecer, mesmo que parcialmente, as consequências das escolhas políticas tomadas por dirigentes, que intervieram sobremaneira na vida dos angolanos, em particular na dos habitantes de Luanda. Pelo olhar do menino narrador, temos uma edição dos acontecimentos de um breve, mas crucial, período para a formação da identidade nacional de Angola, que possibilita conhecer os contrassensos ocasionados pelo processo de independência do país, em meio às disputas geradas à época.

### Referências

ALTMAN, Max. **O novo governo revolucionário português iniciou negociações com os três principais movimentos de libertação:** o MPLA. <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/7513/hoje+na+historia+1975++mpla+proclama+a+independencia+de+angola.shtml>>. Acesso em 13 de maio 2018.

AMBRÓSIO, Heitor Simão Afonso. **Posição do crescimento do PIB de Angola na sadc antes e após a crise de 2008 e efeitos na economia da região e do país.** <[www.e-publicacoes.uerj.br](http://www.e-publicacoes.uerj.br)> Capa › v.

5, n. 1 (2013) › Ambrósio. Acesso em: 14 de maio 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SANTOS, Luís Alberto Brandão, OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARVALHO, Juvenal. **Angola: a construção de uma nação**. Caderno do CEAS, Revista crítica de humanidades, n. 224, 2006. Disponibilidade em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/158>>. Acesso em: 14 de maio 2018.

CHATTERJEE, Pharta. **Comunidad imaginada: ¿Por quién?**. História Caribe, vol. II, núm. 7, 2002, pp. 43-52. Disponibilidade em: <<http://www.redalyc.org/pdf/937/93720704.pdf>>. Acesso em: 16 de maio 2018.

FRANCO, Roberto Guimarães. **Bom dia camaradas e um retrato de uma (infância em) Angola**. Revista do Núcleo Estudos de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF, Vol. 1, nº 1, Agosto de 2008. Disponibilidade em: <[www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/viewFile/282/222](http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/viewFile/282/222)>. Acesso em: 14 de maio 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). **Índices e indicadores de desenvolvimento humano: actualização estatística de 2018**. Disponibilidade em: <[http://www.ao.undp.org/content/dam/angola/docs/Publications/2018\\_human\\_development\\_statistical\\_update.pdf](http://www.ao.undp.org/content/dam/angola/docs/Publications/2018_human_development_statistical_update.pdf)>. Acesso em 18 de ago.2018

ONDJAKI. **Bom dia camaradas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda, 2006.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponibilidade em: <[biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf)>. Acesso em: 15 de maio 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad-racionalidad**. In: BONILLO, Heraclio (comp.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de Wanderson flor do nascimento. Disponibilidade em: <[https://kupdf.net/download/an-iacute-bal-quijano-colonialidade-e-modernidade\\_racionalidade\\_58d19f11dc0d60f621c346b1\\_pdf](https://kupdf.net/download/an-iacute-bal-quijano-colonialidade-e-modernidade_racionalidade_58d19f11dc0d60f621c346b1_pdf)>. Acesso em 15. Out. 2018.

ROSA, Joseana Stringini da. **Entre a ficção e a realidade: Bom dia Camaradas e a esperança de dias melhores através do olhar infantil**. Revista Ao pé da Letra – Volume 14.2 - 2012 Disponibilidade em: <[www.revistaaopedaletra.net/volumes...2/Volume14-2\\_Joseana-Stringini-dRosa.pdf](http://www.revistaaopedaletra.net/volumes...2/Volume14-2_Joseana-Stringini-dRosa.pdf)>. Acesso em: 13 de maio 2018.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Onde está o sujeito pós-colonial?** (Algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana). Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 2, nº 2, Abril de 2009. Disponibilidade em: <[www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/268](http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/268)>. Acesso em: 15 de maio 2018.